

# “Perfil ou caricatura? Como o cinema e a literatura vêm o autista”

Cláudio de Novaes Soares \*

## Sobre as origens e o fascínio

A doença mental - e todo o seu valor mítico, em qualquer grupamento social - sempre foi fonte inesgotável na gênese da arte escrita, contada, pintada ou desenhada e, por que não, da teletransmitida.

A própria Medicina, em suas origens tribais ou mesmo nos experimentos alquímicos, reservava aos quadros psíquicos um lugar distinto das meras “doenças”.

Adoecer mentalmente era antes de tudo o adoecer da alma, ou mesmo fruto da manifestação de divindades poderosas.

Mesmo a partir da “categorização” das doenças e da tentativa de sua compreensão fisiopatológica, os quadros mentais ainda eram vistos como o fruto de “migrações de órgãos internos”, ou da “ação deletéria de fluxos menstruais”, que faziam, por exemplo, com que as mulheres “enxergassem o mundo de cabeça para baixo”.

Este fascínio pelo mundo psíquico e suas manifestações nos custou, de certa forma, um longo atraso no reconhecimento do sofrimento mental como algo também do domínio médico e, como tal, passível de seu investimento e interesse.

Se pudéssemos enxergar, nessa resistência em aceitar o sofrimento psíquico, algo compatível com um pré-conceito, talvez tivéssemos uma maior noção da maior dificuldade em reconhecê-los quando manifestos numa idade tenra.

Assim, os distúrbios psíquicos infantis foram, durante muito tempo, algo inexistente enquanto quadro mórbido; restava-lhes o *status* de um produto meramente social ou familiar, devendo ser abordado como tal num planejamento terapêutico.

A medicina mudou - e os médicos também, numa menor proporção... Os quadros mentais passam hoje por uma apaixonada e onerosa investigação genética, neuroquímica e imagenológica, em busca do tempo a ser recuperado em seus preceitos etiológicos ou terapêuticos.

Apesar disso, o homem ainda cultiva - ou cultua - uma visão diferenciada do distúrbio mental, alternando sentimentos de admiração, medo ou total desconhecimento. Essa atitude empresta ao doente mental da literatura,

## RESUMO

O autor faz uma análise crítica sobre como os meios de comunicação, principalmente o cinema e a literatura, retratam o autista.

Mostra uma visão diferenciada do distúrbio mental, alternando sentimentos de admiração, medo e total desconhecimento.

Cita alguns filmes com pacientes ditos *psiquiátricos que se tornaram famosos como* “Dibs, em busca de si mesmo”, “Rain Man” e “O Enigma de Kaspar Hauser”, nos quais os protagonistas despertam a paixão e a atenção para a sua existência.

## UNITERMOS

Autismo, cinema, arte.

\* Pós-graduando do Departamento de Psiquiatria da FMUSP. Um trabalho desenvolvido para o curso de Pós-Graduação “Transtornos Abangentes do Desenvolvimento: Uma Análise Crítica” ministrado pelo Prof. Dr. Francisco B. Assumpção Jr.

música, cinema ou televisão, algumas vezes um perfil adequado e esclarecedor. Em outras, apenas uma caricatura...

De qualquer modo, na literatura e no cinema nos encontramos, freqüentemente, com a riqueza da expressão viva destes fenômenos, expressão esta esquecida nos nossos manuais e "relatos de caso"...

### **Sobre o autismo e os autistas**

O conceito bleuleriano de autismo como um "afastamento da realidade e, conseqüentemente, um voltar-se para o mundo interior" foi de certa forma aproveitado na década de 40 por Leo Kanner, em sua descrição dos "Distúrbios Autísticos do Contacto Afetivo".

Em suas descrições, posteriormente denominadas de "autismo infantil precoce", Kanner destacava a grande dificuldade destas crianças em contar outras pessoas, o seu desejo em preservar determinadas situações ou coisas que lhe trouxessem segurança, uma ligação especial com certos objetos ou posturas e uma linguagem própria, deficiente para suas comunicações interpessoais.

A evolução do conceito de Kanner do longo de seus próprios estudos e do *follow-up* de seus pacientes culminou na visão do autismo como uma síndrome, com características distintas da esquizofrenia infantil, embora o mantivesse dentro do grupo das psicoses.

A partir da década de 70, os trabalhos de E.R. Ritvo introduzem a visão do autismo como fruto de problemas no desenvolvimento infantil, incluindo déficits motores de linguagem, de sensopercepção e de relacionamento social. Ritvo chama a atenção para o fato da síndrome autística poder ser decorrente de patologias específicas do SNC.

Desenha-se, então, uma divisão entre os conceitos de psicogenicidade e organicidade na etiologia atribuída aos quadros autísticos.

A Classificação Internacional de Doenças Mentais - décima versão (CID-10) e a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, publicado pela Associação Psiquiátrica Americana, abordam o tema do autismo de forma descritiva e, naturalmente, abstendo-se de sua compreensibilidade.

São enquadrados dentre os "Distúrbios Abrangentes ou Invasivos do Desenvolvimento" com a inclusão de patologias específicas dentre suas possíveis etiologias e, de certa forma, procuram diferenciá-los de quadros como a Síndrome de Rett, Transtornos Degenerativos da Infância ou mesmo a Síndrome de Asperger.

Em suas descrições, são valorizadas suas incapacidades qualitativas na integração social, na

comunicação verbal e não-verbal, além de suas estereotípias corporais ou de postura, preocupações com objetos inusitados e interesses restritos.

Dois teorias dividem a atenção atual para o desenvolvimento do autismo: a Teoria Afetiva e a Teoria Cognitiva.

A Teoria Afetiva atribui os déficits das crianças autísticas às suas dificuldades em experiências sociais intersubjetivas, onde atribuir aos outros indivíduos desejos, pensamentos e afetos próprios é passo fundamental e dificilmente realizado por estas crianças. Sendo assim, grande parte de suas inabilidades cognitivas e de linguagem seriam resultantes de déficits no desenvolvimento afetivo e social.

A Teoria Cognitiva, por sua vez, propõe que o problema central da criança autística se concentra em sua dificuldade em reconhecer o estado mental da outra pessoa. Através do conceito chamado de Teoria da Mente, atribui-se ao fato de se realizar "representações primárias" (conceitos referentes ao mundo físico) e "meta-representações" (crenças sobre os desejos ou o estado mental das pessoas) a possibilidade de se realizar interações sociais adequadas.

O autismo traria então um déficit cognitivo na capacidade para a meta-representação, comprometendo padrões simbólicos e pragmáticos necessários para o relacionamento interpessoal.

Não devemos esperar discussões apaixonadas ou mesmo ideologicamente distintas quando virmos a visão "artística" do mundo autístico. Veremos, sim, que as delimitações de seus quadros perderão o preciosismo buscado pelas categorizações médicas atuais, e que o autismo sofrerá, em muitos casos, uma regressão aos preceitos de Kanner.

### **Sobre a literatura e os autistas**

Autistas povoam a literatura de várias formas.

Em "*Dibs in search of self*", de autoria de Virgínia M. Axline, reconhecida como uma das responsáveis pelo desenvolvimento das técnicas de ludoterapia no tratamento de crianças com problemas emocionais e publicado originalmente em 1964, a experiência do menino Dibs é vista como um "mergulho em busca de si mesmo, através do processo psicoterápico".

Dibs é um menino que, freqüentando a escola há quase dois anos, não desenvolvia qualquer linguagem verbal. Por vezes permanecia imóvel na sala de aula, "absorto em si mesmo e desligado de todos ao seu redor". Dibs tem seu "núcleo estabilizador" dentro de si mesmo, e a interação social lhe é penosa ou, de certa forma, indiferente.

Retardado mental? Excêntrico? Estas são algumas das dúvidas levantadas pelos professores e psicólogos

que convivem com Dibs, filho de um “renomado cientista”, numa descrição romaneada de um acontecimento real, refletindo o interesse e a confusão de conceitos sobre o autismo infantil nesta época.

Dibs inicia seu processo ludoterápico aos cinco anos de idade, com descrições precisas de suas estereotípias posturais (“engatinhava em volta da sala espreitando por debaixo da mesa, balançando para frente e para trás, mastigando um lado da mão, chupando o polegar e deitando-se de bruços, rígido, no chão”).

Também seus interesses especiais e comportamentos são descritos (“não raras vezes era acometido por acessos de raiva... Dibs nunca recebia nada de ninguém... se o objeto fosse colocado na mesa ou perto dele, apanhava-o depois e o examinava cuidadosamente, como se pudesse “lê-lo”...).

A autora nos revela, ao final do livro, a evolução para um garoto de quinze anos excepcionalmente dotado, com QI de 168 e ativamente engajado em sua participação social estudantil. Esta seria uma evolução esperada para os autistas?

É Oliver Sacks que nos presenteia com suas preciosas descrições de autistas e *savants* em sua coletânea de “histórias paradoxais”, *An Anthropologist on Mars*, publicado em 1995.

Como neurologista de reconhecida competência em prosa literária (“*Migraine*”, “*Awakenings*”, “*The man who mistook his wife for a hat*”), Oliver Sacks imprime à descrição precisa de seus pacientes o fascínio que os mesmos lhe causam, menos por suas patologias, mais por suas riquezas no enfrentar das dificuldades e no modo particular e profundo com que partilharam com ele suas vidas.

Em “Prodígios” (“*Prodigies*”), Sacks nos revela inúmeros casos de *idiots savants*, termo cunhado há mais de um século pelo Dr. Langon Down, começando por relatos da competência musical do “preto cego Tom”, “completamente cego e idiota em tudo, ... mas capaz de executar três peças musicais de uma só vez”.

Em descrições datadas de 1860 e resgatadas por Sacks, observa-se o cego Tom como um menino que, aos seis anos de idade, era “incapaz de falar, andava com dificuldade, e não mostrava nenhum sinal de inteligência além da insaciável sede pela música”.

Sacks relata, então, as observações feitas por Leo Kanner em Baltimore e Hans Asperger em Viena, na década de 40, sobre o autismo, enfatizando suas diferenças e o que possuíam como dados marcadamente comuns: o isolamento, a “insistência obsessiva na repetitividade ou nas estereotípias”, além de suas descrições de como “eles não olham diretamente para as pessoas [...] parecem absorver as coisas com olhadelas periféricas [...] a utilização de linguagem parece forçada, anormal”.

Calculadores prodigiosos, memorizadores de enciclopédias e outras habilidades dos *savants* são descritas, com a ressalva de não serem exclusividade dos autistas.

O autor destaca o pioneirismo de F.W.H. Myers na tentativa de analisar os processos mentais dos *savants* e o seu entendimento.

Conclui que o “savantismo” se expressa em quase 10% dos autistas e acredita que estes constituem uma oportunidade única para o entendimento das bases biológicas dos talentos e aptidões, ao invés do estudo limitado das “deficiências e colapsos neurais”.

Finalmente, Oliver Sacks põe-se a narrar a história de Stephen Wiltshire, autista londrino com preocupações visuais desde os cinco anos de idade, quando “rabiscos” de carros e “caricaturas” de professores tomavam grande parte de sua atenção, até a fixação por edifícios, ocorrida ao sete anos.

A sofisticação de seus desenhos, dos traços e do domínio da perspectiva chamavam a atenção de seus professores. Sua memória visual era prodigiosa, com características da memória *savant* (retentora de particularidades). Stephen acabou por desenhar dezenas de edifícios londrinos, associados a letras, para fácil reconhecimento (ex: “A” de Albert Hall, “B” do Palácio de Buckingham, etc...)

O autor chama a atenção para o fato de Chris Marris, o professor de Stephen, participar ativamente da vida do jovem autista por quatro anos e, apesar de viverem juntos a fase de seu descobrimento artístico, o jovem Stephen lidar com indiferença ou mesmo com respostas afetivas estereotipadas, por ocasião de viagens ou afastamentos temporários, como se não houvesse vínculos afetivos entre os dois.

Sacks cita então Kurt Goldstein: “O autista se apega a algumas pessoas [...] Ao mesmo tempo, porém, suas reações emocionais e ligações humanas parecem superficiais. Ao encontrá-lo com intervalos de alguns meses, a pessoa é recebida e despachada com a mesma gentileza impessoal, como se o contato só pudesse ser real enquanto durasse a presença concreta”.

Ao reencontrar Stephen em São Francisco, já com dezessete anos, Sacks se depara com um rapaz fã de *Rain Man*, “talvez o único herói autista já retratado”, segundo o autor.

Descobre sua “emoção” por vistas aéreas e os desenhos que estas podem proporcionar, além dos talentos musicais tardiamente manifestos. Revela que este despertar tardio pela música foi uma revelação de um “modo de ser” que não imaginava ser acessível para o jovem autista.

Eis, por fim, Stephen Wiltshire, por Oliver Sacks: “O Desenvolvimento de Stephen tem sido singular, qualitativamente diferente, desde o início. Ele constrói o universo de uma maneira diferente - e seu modelo

cognitivo, sua identidade e seus dons artísticos se combinam. Não sabemos, por fim, como Stephen pensa, como constrói o mundo, como é capaz de desenhar e cantar. Mas sabemos que, embora possa faltar-lhe o simbólico, o abstrato, possui uma espécie de genialidade para representações concretas e miméticas [...] para captar os traços formais, a lógica estrutural, o estilo, a essência (como nos desenhos mesclados de Matisse reproduzidos por ele) de tudo o que retrata". [...] Stephen pode ser limitado, esquisito, idiossincrático, autista; mas lhe foi permitido alcançar o que poucos de nós conseguimos, uma significativa representação e investigação do mundo.

### **Sobre o cinema e os autistas**

Talvez seja no cinema, pela sua expressão dramática e grande penetração popular, que encontremos as formas marcadamente caricaturais dos autistas (ou pelo menos dos que assim são chamados).

Há um traço em comum com algumas das versões cinematográficas: o isolamento total do contato com a civilização (como é o caso de Nell, estrelado por Jodie Foster e do personagem central em Enigma de Kaspar Hauser, filme de Werner Herzog).

Este isolamento é "compensado", posteriormente, com a crítica que é feita por estes personagens "autistas" dos valores ou *modus vivendi* dos considerados normais.

A personagem de Nell, criança isolada em uma cabana em região florestal, atormentada pelas lembranças da morte de sua irmã gêmea e que cresce de maneira rústica, desenvolve em conjunto de estereotípias posturais, tem dificuldades em estabelecer uma comunicação adequada e reage de forma agressiva às situações inusitadas. Sua maneira afetuosa rapidamente desenvolvida no contato com o outro e sua visão crítica do que ocorre ao seu redor destoam, porém, na construção de uma atribuição autística ao personagem.

Já no clássico Kaspar Hauser de 1975, encontramos ingredientes de forte apelo afetivo: um jovem que nunca viu a si mesmo e "não sabia se era uma casa ou uma árvore", de quem não se conhece as origens, crescido em um subterrâneo, surge em sua primeira cena amarrado em um local sem luz, alimentado por alguém sistematicamente.

Quando deixa o local, Kaspar tem dificuldades para andar e é carregado no ombro e depois arrastado à andar. Abandonado na praça de um vilarejo, para que se torne um "protegido" do capitão, permanece imóvel por horas, com uma carta na mão. Este comportamento imóvel e insensível às situações inusitadas à sua volta aparece novamente na cena em que um oficial treina com sua espada próximo a Kaspar, e este não reage de forma alguma.

A cena que melhor exemplifica o caráter caricatural de Kaspar é a sua aparição em um circo local, quando é apresentado como um dos "Quatro Enigmas do Universo", ao lado de um anão em um trono, do "Pequeno Mozart" (aparentemente um *savant* com memória prodigiosa), e de um selvagem que tocava flauta compulsivamente pois, caso parasse, todos morreriam...

Embora mantenha um certo distanciamento das situações que o cercam, Kaspar se incomoda com a presença de muitas pessoas, apesar de "pedir" para se expressar através da música ao piano, em determinada cena.

Aos poucos desperta a atenção (ou compaixão...) de determinados personagens, marcadamente os femininos com uma postura maternal, como é o caso da governanta em Kaspar Hauser e da noiva do irmão em *Rain Man*, filme de 1988 dirigido por Barry Levinson e estrelado por Tom Cruise e o admirável Dustin Hoffmann.

Kaspar acaba por "desenvolver" seus dotes musicais e seus conceitos espaciais, como por exemplo a descrição de seu quarto e da torre, e a justificativa pela qual o quarto se torna maior que a torre que o contém. O ponto final da estória, tratado com certa ironia por Herzog, surge na explicação *post-mortem* dos estranhos comportamentos de Kaspar: um cerebelo enorme e um cérebro pouco desenvolvido... voltamos a dicotomia entre a psicogenicidade e a organicidade!!

*Rain Man* nos trouxe a versão Hollywoodiana dos autistas, ou melhor dizendo, de um provável portador da Síndrome de Asperger.

Numa leitura cruelmente poética, *Rain Man* é o "amigo imaginário" de seu irmão menor bem desenvolvido e egocêntrico, levado ao isolamento por ser um risco para o convívio com o caçula, após a morte da mãe.

O filme aborda o isolamento (confinamento?) do personagem por vários anos, embora tenha o cuidado de descrevê-lo como um autista "altamente funcional" e com dotes de um *savant*.

Dustin Hoffmann, em atuação brilhante, tem o cuidado de compor o personagem com várias características: estereotípias posturais (o balançar do corpo e determinados maneirismos com as mãos são perfeitos!), dotes específicos para a memorização de dados (a lista telefônica, os programas de televisão), o apego à rotina como situação protegida, a aversão ao contato físico, o comportamento reativo às situações inusitadas, de estresse...

Novamente o personagem provoca um sentimentalismo maternal durante sua estória, colocando-o como figura doce e frágil a ser protegida e preservada, como já ocorrera de certo modo em Nell e Kaspar Hauser.

Em algumas passagens, a atuação de Hoffmann parece “aderir” às descrições apresentadas por O. Sacks, principalmente no distanciamento afetivo de *Rain Man* ao despedir de seu irmão na estação de trem, como se o vínculo entre eles nunca tivesse sido feito.

Prevalece, porém, a idéia de que *Rain Man* seria “mais feliz” em sua situação confinada e já conhecida, um precedente perigoso para a estigmatização ainda maior dos dotes mentais.

Perfil ou caricatura, estes personagens despertam a paixão e a atenção para a sua existência.

Acabam por prestar, na maioria das vezes, o seu papel na tomada de consciência para os cuidados com certos doentes e suas patologias... curiosamente, há relatos de maior número de consultas às Associações de Autistas dos EUA e o surgimento de voluntários para o trabalho com os mesmos, motivados pelo filme de Cruise e Hoffmann...

#### SUMMARY

The author criticize how the media – mainly cinema and literature – identify the autism.

It shows a differentiating view of mental disturbances among admiration, fear and unknowing feeling.

Some famous film with patients, named “psychiatric” are remembered: “Dibs”, “Rain Man”, “Kaspar Hauser”, whose characters call us attention and passion to their existence.

#### KEY WORDS

Autism, cinema, arts.

#### **Recomendações bibliográficas**

“An Anthropologist on Mars”, de Oliver Sacks, Picador, London, 1995. (edição brasileira disponível, Companhia das Letras, 1995).

“Rain Man”, produção de 1988, estrelado por Tom Cruise e Dustin Hoffmann.

“O Enigma de Kaspar Hauser”, produção de 1975.